



Saüdemos a vida que renasce

Verificamos com alegria que o proletariado vai regressando, embora lentamente, à sua actividade sindical. E desta vez, a avaliar pelo que se está passando no seio da Câmara Sindical do Trabalho, com um critério de ponderação e de estudo que a todos dignifica e a todos melhor aproveitará.

Além da comissão instaladora, que deu um nobre exemplo de trabalho, já apresentaram pareceres bem devidos e fundamentados, dois organismos aderentes: o Sindicato dos Empregados no Comércio e o Sindicato Único Metalúrgico.

Ao primeiro já tivemos ocasião de, neste mesmo lugar, fazer elogiosa e merecida referência. Ao segundo que ontem publicou em *A Batalha* o seu apreciável trabalho desejamos referir-nos hoje, de uma maneira geral, sem entrar na discussão de especialidade, que não nos compete, mas sim ao Conselho de Delegados da central operária de Lisboa.

Apreciamos o parecer do Sindicato Único Metalúrgico, como órgão do proletariado, e por isso nos interessam aqueles pontos do atíduido parecer que maior contacto têm com os interesses do povo trabalhador, do público, da comunidade.

As questões de detalhe, as pequenas arestas, compete aos organismos aderentes arrumar e limar nas suas discussões desapaixonadas, ponderadas.

Também o S. U. Metalúrgico concorda, em princípio, com a realização do Congresso dos Sindicatos de Lisboa e com os trabalhos a encetar tendentes a obter a unidade sindical, que, uma vez consolidada, emprestará ao proletariado uma força considerável de que poderá dispor em benefício da sua causa.

O parecer detém-se mais profundamente na crise de trabalho, alvitmando que se reclame dos poderes constituídos a execução duma série de obras que, beneficiando o público, dariam que fazer a inúmeros operários em crise.

Faz o aludido parecer um justo reparo ao trabalho da comissão instaladora da C. S. do T., por esta não se ocupar largamente do problema da carestia da vida. Foi um lapso que encontrará talvez justificação no facto d'este problema ter surgido quase repentinamente agravado nesses últimos dias. Mas se a comissão instaladora dêle não se ocupou, criando essa lacuna nos trabalhos a realizar, compete aos delegados dos vários sindicatos, que devem estar sempre vigilantes, preenchê-la apresentando alvitres e estudos que se transformem em ação.

Congratulamo-nos com toda a actividade a que vimos assistindo e que promete pôr, dentro em pouco, toda a Organização Operária portuguesa em movimento. E o movimento é a vida.

Saüdemos, pois, a vida que renasce!

Vai ser erguido na Horta um bairro desmontável

A Cruz Vermelha Portuguesa noticiou-ha que a Cruz Vermelha Americana tinha enviado cinco mil "dollars" ao Consul Americano no Faial para serem entregues á autoridade administrativa para socorrer as vítimas. Afinal essa importante verba vai ser entregue á Cruz Vermelha Portuguesa por as autoridades do Faial não a desejarem receber por não terem onde a empregar.

Vai, portanto, a Cruz Vermelha Portuguesa estudar imediatamente um tipo de casas desmontáveis para construir um bairro popular na cidade da Horta, empregando desde já aquele importante donativo nessas construções.

O secretário geral da Cruz Vermelha teve ontem uma larga conferência com o sr. ministro da America ficando estabelecido que as primeiras casas a enviar para a cidade da Horta, serão as adquiridas com o dinheiro da Cruz Vermelha Americana.

Fica a Cruz Vermelha Portuguesa ao dispor de todas as pessoas que desejem contribuir para a construção desse Bairro.

INSTRUÇÃO

Escolas do Sindicato Único da Construção Civil

Encontra-se aberta a inscrição, para a frequência das aulas diurnas e nocturnas, todas as terças e sextas feiras das 21 às 23 horas.

Encontra-se aberta a matrícula para as aulas diurnas e nocturnas de primeiras letrinas, instrução primária e comércio, mantidas pela Universidade Nacional de Instrução e Educação, podendo oscaixeiros e os operários de qualquer indústria, e os seus filhos, inscreverem-se desde já na rua da Esperança, 122, 2.º andar, todas as noites, das 21 às 23 horas.

O proletariado contra a carestia da vida

Urge que todos os organismos operários se ocupem d'este magno problema, estudando-o e preconizando as soluções mais convenientes

Perante o grave problema da carestia da vida e a necessidade urgente de lhe dar combate, dissemos há dias que estávamos dispostos a colaborar com os nossos leitores, aceitando-lhes alvitres, escutando opiniões que, esclarecendo o assunto, animassem o povo a defender-se.

O sr. Armando Massano, antigo colaborador de *A Batalha*, apressou-se a responder ao nosso apelo, enviando-nos o artigo que gostosamente publicamos:

Pede *A Batalha*, aos consumidores, que lhe dêm alvitres para combater os gananciosos, que "novamente se propõem especialmente com a miséria do povo".

Respondendo à chamada venho, pois, produzir algumas considerações sobre tão momentoso assunto e apresentar alguns alvitres:

Quanto ao facto da especulação ter de novo despertado, não é para admirar: sempre assim tem acontecido durante os chãos governos de força: a ordem pública em Portugal é pura «blague». Toda a gente sabe que a desordem, quando a há, é formada e paga, ou pelos políticos ou pelos altos especuladores da finança. O resto são simples e naturais relações das vítimas.

Para deturpar estas justas queixas, é que se lança mão de certos processos violentos e condenáveis, umas vezes por intermédio de agentes conscientes, outras vezes actuando sobre os espíritos fracos.

Deturpam, assim, simultaneamente, as intenções dos que protestam e lançam o pavor próprio às suas especulações criminosas ou ao seu domínio político.

Ninguém hoje desconhece que os políticos, algumas vezes, para se aguentarem no poder, mandaram lançar bombas em vários pontos da cidade, para depois poderem dizer que se lhes devia o grande favor de terem restabelecido a ordem.

Agora que temos um governo que ainda não teve necessidade de mandar lançar bombas, mas que está convencido, na melhor boa fé, que elas já não rebentam, porque a tal ordem está mantida, no pensamento simplista de que corre tudo à marinha quando as vítimas não se queixam...

Foi esta talvez uma das principais razões do fracasso de quaisquer das medidas repressivas da especulação tomadas durante a guerra.

Impacavelmente deveriam ser denunciados todos os açambarcadores e falsificadores — a palavra denunciante não deve intimidar ninguém, quando se trata de assassinato de creanças, que outra coisa não são os açambarcadores aumentando a fome e os falsificadores envenenando as gerações futuras.

Os sindicatos deviam recomendar aos seus associados que não encobrissem nem colaborassem em açambarcamentos nem falsificações de géneros, dando logo conhecimento duns e outros ao respectivo sindicato, que por sua vez faria a participação à

o governo, depois de ter feito calar as vítimas, ficará convencido de que salvou o país do "bochevismo"...

Estas considerações eram necessárias, só para demonstrar o que tem sido entre nós a «scie» da «ordem pública», chavão de todos os governos e revolucionários sem programa, como também para fazer reflectir sobre a dificuldade de se poder agir de forma a não assustar uns, nem servir os secretos designios dos agentes internacionais.

Não sofre dúvida que o encarecimento de certos géneros filia-se no facto de terem sido mais as coelheiras. O encarecimento, porém, é não só um pouco prematuro, mas também exagerado... para princípio.

Declarada a escassez, e assim é que os especuladores se defendem, não há outro caminho a seguir senão abrir as portas à importação, livre de toda a percentagem de direitos que for necessária para igualar o preço de cada género ao justo preço dos nacionais, para cuja fixação se tem que atender não só aos interesses do produtor mas também aos do consumidor.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

Resumindo: importação livre e tabelas maximas, destinadas a fixar os preços por que o Estado requisitaria os géneros quando estes escassezassem nos retalhistas aos preços das tabelas, e para castigar estes quando, não obstante as facilidades de requisição que lhes deveriam ser dadas pelo Estado, sonegassem géneros ou os vendessem por preços superiores à tabela estabelecida para a venda a retalho.

A BATALHA

POR LOURENÇO MARQUES

A greve ferroviária de Moçambique e a reorganização de serviço que lhe deu causa

Lourenço Marques, 20 de Agosto. — Chegou o momento de fazer a história do conflito ferroviário que, em 11 de Novembro de 1925, estalou nesta cidade. A frente do ministério das Colónias encontra-se um velho servidor de Moçambique, das Secretarias Provinciais e da Direcção dos C. F. foram saudadas as figuras marcantes dos acontecimentos.

Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, arredado do Alto Comissariado; Bartolomeu Severino, Ribeiro Gomes e Craveiro Lopes postos fora das Secretarias Provinciais; Avelar Rua e Oliveira Cabral a caminho de Lisboa; Adelino F. Lima fugido em parte; A. Límpio de Lacerda, condenado por bigamo, fugido desta cidade, deixando o fiorão em maus lençóis.

Seis funcionários da maior categoria, em Lisboa, podendo defender-se, alegando atenuantes, verdadeiras ou falsas, para os seus desmandos; dois escribas, à solta e com o soldo nas algibeiras, livres para continuarem, se têm estômagos para isso, a defesa das maiores monstruosidades.

Eis porque chegou o momento de fazer história.

Os acusados no grande tribunal da opinião pública que é *A Batalha*, estão em lugar onde podem defender-se; e Vitor Hugo, afogado pela sua inutíssima competência e mediocridade, se remeteu, após o seu desembargo em Lisboa, ao mais miserável dos silêncios, motivos não há para que os seus preciosos colaboradores se remetam a um silêncio cômodo, deixando de explicar os *incalculáveis benefícios* que à Província de Moçambique trouxe uma reorganização do serviço inépta e monstruosa, bem como a série de violências que se praticaram e que foram desde o assalto brutal, das prisões em massa, dos esquadrões nos cárceis até ao assassinato em plena praça pública.

Tudo isso se conseguiu com a *Reorganização do C. F. L. M.*, Reorganização que apreciamos em correspondências subsequentes, esperando em que o actual titular das Colónias, também vítima dos malfeitos de Vitor Hugo, tenha um gesto de justiça.

Melhor do que ninguém, sabe-o o actual ministro das Colónias: Moçambique de há muito vinha lutando com uma verdadeira plêia de funcionários, mal pagos uns, principescamente pagos outros, em regra e no geral mal aproveitadas as aptidões de todos.

Em 1919 e 20 pensou-se em compressão de despesas. Foi até o actual ministro o "leader" desse movimento, combatendo sistematicamente todos os aumentos, incluindo os que por ventura fossem beneficiários; intelectualmente, porém, em 1921-1922 os quadros do funcionalismo foram aumentados de 224 novos comensais, e, em Abril de 1925, Azevedo Coutinho, para lisongear as grandes massas, criou umas subvenções que oneraram as receitas, aumentando as despesas em mais de 500.000 libras anuais, ou seja, ao câmbio corrente actualmente aqui, em cerca de 50.000 contos.

Muita gente combateu esta medida. O *Jornal do Comércio*, representante das fórmulas vivas e onde se diziam estarem amigos dos secretários provinciais e categorizados militares do partido do então Alto Comissário, numa série de artigos notáveis, combateu riamamente o aumento projectado por Vitor Hugo e seus aliados, apresentando como a causa imediata da ruína da Colónia.

Azevedo Coutinho, cego-administrativo, embalado pelo incenso que em sua volta queimava uma troupe de intrigantes que talavam muito mas pensavam pouco — deu em considerar seus explêndidos colaboradores os falhados, os que o incitavam a um injustificado aumento de despesas, arredando do seu caminho os honestos, os que previam o futuro, os que se opunham a um brutal desequilíbrio orçamental.

Exemplo: — O actual ministro das Colónias, que em Moçambique resida há aproximadamente 30 anos, foi forçado a arranjar as malas e a deixar o Departamento Marítimo de que era chefe desde 1919.

Sobre a cabeça dos outros, qual espada de Damocles, pendia a sentença da sua perdição. Iriam recebendo prémio por doses.

Era preciso que triunfasse uma política nela de comilância e de compadrio, de suborno e de sangue, com jantadas pagas pelos cofres fazendários, com cambais, vistas por um olho, por todos os recalcitrantes.

Meses depois o desequilíbrio orçamental era manifesto, aterrador. Para cegar o Terreiro do Paço, Vitor Hugo nem conseguia ter em dia o pagamento dos vencimentos do funcionalismo licenciado ou reformado no Continente. Vivia-se de expedientes.

Pagaram-se algumas dívidas, é certo; mas para isso foram aproveitadas cerca de 100.000 libras, que Azevedo Coutinho, ao tomar posse, encontrou em cofre, bem como milhares de contos da mesma provisão; para isso arredou-se da Caixa do Tesouro o que a essa Caixa pertencia, por lei, apoderaram-se das receitas das circuncrições, desviaram-se quantiosas importâncias da assistência indígena, chegaram a estar encerrados os hospitais de Tete e Chibuto, o prémio das transferências passara de 30 para 80 %.

Azevedo Coutinho e os seus aliados lancaram então as mãos à cabeça.

A sua falência era manifesta e estrondosa. Só um golpe de força, de audácia, de despotismo, os poderia aguentar.

Recorrem a ele.

Os empregados dos C. F. passavam por gente decidida; o governo atirar-lhes-ia à cabeça, e, desta forma o estrondo chegaria ao Terreiro do Paço. Tanto mais que já se falava em ir tomar conta do Alto Comissariado o dr. Alvaro da Castro, e era preciso preparar as coisas de forma que, na "emergência" preparada, parecesse um desprestígio para a autoridade, arredar da mais alta magistratura de Moçambique o homem que a todo o custo queria agarrar-se simplesmente para não deixar de receber, por dia, cerca de 2.000\$000, acrescidos dum palácio regular, convenientemente mobilado e apetrechado, com água, luz e as competentes coives, nabicas, tomates, etc., etc. que Vitor Hugo estava cultivando no terreno que outrora fôr de tardar.

Debaixo de um caminhão

No Banco do Hospital de S. José, foi pendido recolher a casa Francisco Raimundo Santos, de 10 anos, natural de Lisboa, morador no Pateo do Ginja, 82, a Marvila, e que, próximo da residência, foi colhido por um caminhão, ficando ferido no pé esquerdo.

"A BATALHA" no Funchal vende-se no Bureau de L. Presso

Ecos do desastre de Alhos Vedros

A baixeza moral do industrial Gameiro

ALHOS VEDROS, 14. — No passado domingo um delegado da Federação Corticeira foi a Alhos Vedros visitar os operários que ficaram feridos no desabamento da fábrica de cortiça. Algumas delas estavam-se num estado melindroso, como por exemplo, João Gameiro que veio para Lisboa devido a ter-se agravado o seu estado, Luís Gameiro, Angelo Gameiro e o pai destes Angelo Gameiro, João Horta e José Martins. O industrial Gameiro está revidado contra a *Batalha* por esta ter afirmado que ele pretendia intimidar os operários com o despedimento no caso deles abandonarem a fábrica quando se verificou que a derrocada estava iminente.

De facto assim foi e o industrial Gameiro chegou a gritar aos operários que não saíssem porque não havia perigo.

Depois do desastre este Gameiro e o seu filho Manuel fugiram para não mais serem vistos.

Para que se conheça a psicologia desse industrial Gameiro passamos a referir alguns factos que revelam bem a baixeza de sentimentos desta criatura:

Quando há 8 meses se deu um violento choque de combóios em Alhos Vedros, mesmo defronte da fábrica, os operários largaram as ferramentas e acudiram rápidamente em socorro das vítimas. Pois o industrial Gameiro foi ter com os operários gritando-lhes que o choque não tinha importância, pretendendo a viva força impedidos de socorrer as vítimas, o que não conseguiu.

Este facto basta para revelar a sua desumanidade.

O industrial Gameiro chegou a proibir os seus operários de lerem 10 e 12 horas e baixou-lhes em 40 % os salários. Este indivíduo pretendido abusar das mulheres que trabalhavam na sua fábrica, o que deu lugar a dezenas de queixas e de protestos.

Imingo acerismo da organização corticeira não permite na sua fábrica operários sindicados, ameaçando-os de os despedir constantemente. Quando duma greve do seu pessoal dirigiu a cada operário a seguinte carta:

"Queria ter presente que o sr. M. Pinto Júnior, no seu escritório de Lisboa, rua da Madalena, 8, 1.º, e eu, Elias M. Gameiro, no escritório da fábrica, atenderemos todas as observações e reclamações que tenha que fazer referente a trabalho, vencimento, etc.

Mas faça as reclamações só para si; não peça para os outros, se quer ser escutado e, quando possível, atendido. Em caso algum daremos atenção a reclamações colectivas, nem receberemos comissões de operários, porque, estando nós aparte de toda e qualquer ligação patronal e não recebendo imposições dos nossos colegas na indústria, tão pouco nos encontramos na disposição de aceitar de extranos, embora por intermédio dos nossos operários.

O último desacordo com o pessoal demonstrou-nos que basta a inconsciência dum ignorante, a má compreensão ou irreflexão dum pretencioso para arrastar ao maior desconcerto uma oficina, com o sacrifício da tranquilidade e do pão de 160 homens que se encontravam bem ou, pelo menos, os manifestavam estar.

As reclamações colectivas dão quasi sempre um resultado contrário àquele que se pretende. Aconselhamo-lo, por isso, a que tenha bôa fé, reclame para si e forme opinião própria.

Será a única maneira de nos entendermos no futuro.

Alhos Vedros, 29 de Maio de 1926.

E lamentável que houvesse operários que se submettessem às exigências desse repugnante indivíduo. Por essa altura foi despedido da fábrica por não ter curvado a essas exigências o camarada Gregório Matos que lá trabalhava.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

A revolução Social e o Sindicato

Por Arckino. Preço 1\$50.

Cartilha do homem do povo.....

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loforgne.....

Que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha.....

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva.....

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar.....

A Humanidade, por Taraf Javol.....

O Abortamento, por Dr. Confeymon e I. Budin.....

Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchero.....

Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série.....

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva.....

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas.....

A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia.....

A Filosofia perante a História, por Nobre França.....

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500

500